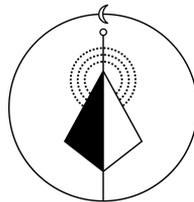


A CAUDA DO PAVÃO

A CAUDA DO PAVÃO

O caminho foi ditado pela Deusa.

Susana de Sousa



YOUR SELF STORY

Profundezas da Alma

Autoria: Susana de Sousa
Revisão: Joana Costa
Capa e paginação: Susana de Sousa
Impressão: Bookmundo
www.bookmundo.com

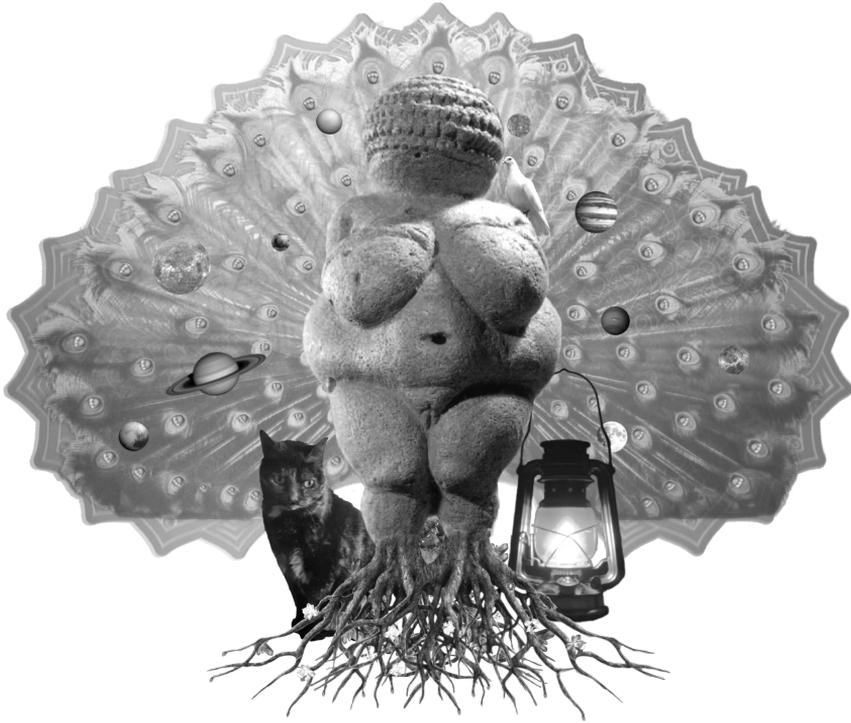
ISBN: 9789403724645

Copyright ©2024 Susana de Sousa - Edições Your Self Story

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado sem autorização da autora, exceto pelo uso de citações devidamente identificadas.

www.yourselfstory.pt





Vamos viver o sonho da Deusa.
E entrar na cauda do Pavão.

Índice

| | |
|----------------------------------|-----|
| O sonho | 8 |
| Tudo é vibração | 9 |
| O livro da Deusa | 12 |
| Os gatos na árvore | 13 |
| As abelhas | 16 |
| A Deusa na Origem | 19 |
| A cobra nas profundezas | 23 |
| O Sagrado Feminino como alquimia | 27 |
| O lugar que ocupo | 33 |
| O Submundo | 38 |
| O berço | 43 |
| Os antepassados | 47 |
| Subir a Montanha | 55 |
| A Cauda do Pavão | 66 |
| A magia existe! | 67 |
| A culpa é sempre do Mercúrio! | 71 |
| Lanterna Divina | 75 |
| Confusão! | 80 |
| A Maça Dourada | 83 |
| O Pavão entra em cena | 86 |
| O Colar e a Coroa | 91 |
| Fusão | 105 |

| | |
|-------------------------------|-----|
| O Jardim | 112 |
| De Sul para Norte | 113 |
| O Jardim e o Sol | 122 |
| Uma nova história | 138 |
| Fé e um Unicórnio sábio | 146 |
| O ramo de ouro | 150 |
| “Escreve e eu liberto-te.” | 157 |
| A Costureira | 161 |
| O Elefante | 171 |
| Os 4 ciprestes | 175 |
| Os fios invisíveis | 178 |
| O alto do Moinho | 188 |
| O florescimento | 203 |
| As bênçãos | 210 |
| Manifestação | 211 |
| A tua jornada pessoal | 222 |
| 1ª parte da Jornada: o Lago | 223 |
| 2ª parte da Jornada: a Cabana | 224 |
| 3ª parte da Jornada: o Dragão | 225 |
| A tua jornada na paisagem | 226 |
| A tua jornada oracular | 227 |
| Agradecimentos | 228 |

|

O sonho

Tudo é vibração

“A humanidade só pode encontrar a paz num lugar: dentro de cada indivíduo, nesse espaço sagrado que alberga a Luz Divina. Uma vez encontrada essa Luz, como a sua natureza é expansiva, ela pode ser estendida a tudo. Juntos, esses seres que se centram na sua Luz própria podem fazer brilhar grandes extensões de Luz, para ajudar outros na sua jornada.”

Despertei. Como se tivesse estado imersa num sono profundo, fora do tempo e do espaço, algo se moveu e me fez abrir os olhos. Ao despertar, pude trazer comigo as memórias de um sonho.

Ao despertar, vi pela primeira vez quem sou, vi a minha luta, vi a minha relação com o Todo de que faço parte. Como uma peça individual, única, num enorme jogo, aceitei o meu papel.

Em busca da expressão plena de um ser a viver a sua individualidade, decidi lutar teimosamente contra qualquer obstáculo à liberdade de ser quem sou, e espero potenciar-te através do meu exemplo, a viveres a tua própria individualidade e a recuperares a tua história única. Não há nada mais belo do que descobrir essa irreverência dentro de nós. Perceber que não somos iguais a ninguém e que em nós pulsa a voz desconhecida, que vem de um lugar profundo jamais visitado. A voz que traz a melodia de uma canção jamais escutada.

É a palavra que nunca foi dita. É o gesto que nunca foi traçado.

É o som que emerge quando damos um passo no desconhecido, no incerto.

É a Alice a descer pela toca do Coelho, sem saber o que a aguarda por trás da porta pequenina, onde nunca considerou entrar.

No território da individualidade tudo é imprevisível. Aqui brota a mudança, e o Novo Mundo que está a chegar é um mundo de mudanças tão constantes e profundas que não é possível concebê-lo nos parâmetros de conhecimento atuais.

O tecido da realidade, o próprio tecido do mundo, vai mudar.

Caminhamos nos últimos fios da trama conhecida e todo o Novo está a ser criado com os nossos padrões vibratórios. Esse mundo ainda está por nascer e é tão diferente do que conhecemos que vamos ficar surpreendidos.

Sei que estou cá para quebrar a oposição e insistir no caminho. Para furar o véu invisível que nos permitirá atravessar o caminho. Para ir ao profundo e acordar a centelha de Luz Divina. Agitá-la, movimentá-la, erguê-la.

Não é sobre um lugar: é sobre a Consciência, no agora, presente, imóvel. E sobre como ela se vai expressar.

Neste livro, fui chamada a fechar um ciclo e a começar um novo de amor e luz. Fui convidada a sair de um ciclo de trevas e entrar num onde brilha a chama sagrada e divina.

No fundo do velho ciclo, foi-me permitido agarrar a sombra e espantá-la do seu torpor, da sua tristeza por não ter sido vista e tocada, e dizer-lhe: "eu amo-te, és bela, cumpriste o teu propósito, agradeço a tua presença aqui; vai-te, o teu ciclo terminou".

E agora estou aberta a iniciar o novo ciclo com a ternura, o amor, a compaixão da Deusa. O novo ciclo com a Deusa. O novo mundo com a força e o poder da Deusa.

Ela diz-me que há um segredo profundo e existencial... Ela diz-me que tudo é vibração.

A palavra começa a mover-se.

Ela é a serpente rítmica no fluxo da existência e já está a caminho, já está em andamento, e nada a vai parar.

Vai engolir as trevas.

Ela é a Deusa e vamos viver o sonho da Deusa.

Ela esteve adormecida e agora desperta, e é o sonho que esteve a sonhar que será o novo mundo que vamos viver.

Vamos viver o sonho da Deusa.

E entrar na cauda do Pavão.

||

O livro da Deusa

Os gatos na árvore

“Continuarei à procura da verdade sobre quem sou. Continuarei a falar com a água. E, dentro do que me for possível, continuarei a tentar fazer com que todos à minha volta se possam alegrar, como eu, com as maravilhas da vida no outro lado do espelho e com “os dias felizes de Verão”.”

Alice, in A Rainha de Copas não Bebe Chá

Lá fora, os gatos chamam. Debruço-me na varanda do lado Norte, e vejo-os empoleirados na Amendoeira, que há poucos dias deixou de ser uma amálgama de galhos nus e retorcidos, para se vestir de folhagem exuberante. Isolada num pedaço de terreno onde os prédios de três andares lançam uma sombra fria, precisou de estender os ramos para conseguir captar os raios solares, e criou para si mesma uma bela copa em forma de coração. É a amendoeira mais alta que conheço e rivaliza com o magnífico Carvalho de Fogo¹ que está quase a tocar na minha varanda.

Um gato dourado encontra-se na bifurcação do tronco da Amendoeira. Os seus três companheiros estendem-se num ramo demasiado abaixo e incentivam-no a descer, com miados estridentes. O gato tem medo. Investiga a distância, tateia, de coração acelerado.

Do alto da varanda, incentivo o gato dourado a dar o salto. Se ele não conseguir, terei de chamar os bombeiros. Decido esperar para ver se o gato desce por si mesmo. Afinal, escolheu uma árvore

¹ Grevillea robusta, também designada por: carvalho australiano, carvalho prateado, árvore do fogo ou pinheiro dourado.

corajosa e perseverante. Talvez possua ele mesmo essas características.

É de manhã cedo e o mundo está prestes a acordar. Hoje quebra-se uma camada de confinamento, o segundo, o que nos manteve em suspenso durante o inverno. As crianças vão poder ir à escola e brincar nos parques. Os bancos de jardim deixarão cair as fitas vermelhas que proíbem um breve descanso aos corpos sufocados.

Somos como as árvores que começam a ganhar folhas tímidas. A esperança vem devagarinho, receosa. Presentimos que vai haver grandes mudanças no mundo, mas simplesmente não queremos acreditar.

Deixo correr uma hora. Percebo que os miados dos gatos cessaram. Regresso à varanda e vejo, aliviada, que o gato dourado desceu. Está agora no ramo abaixo, onde os seus companheiros se espreguiçam, como se nada se tivesse passado. Ou como se não tivessem memória...

Quando saio da varanda, desce-me uma inspiração: os gatos são os companheiros da Deusa e a Árvore é um dos seus símbolos mais antigos.

Tenho estado a ler o livro de Luiza Frazão, “A Deusa do Jardim das Hespérides”. Descobri-o depois de ter escrito “A Maçã Dourada”, que me conduziu ao maravilhoso Jardim da Deusa. O livro de Luiza Frazão, não só me trouxe novas perceções sobre a ligação de Portugal com a mitologia Celta, como me sintonizou ainda mais com esta energia da “Deusa”. E quando estamos sintonizados com algo, parece que tudo nos fala do mesmo, como se víssemos o mesmo padrão em todo o lado.

As memórias começam a desprender-se do seu leito calcificado.

Eu, com dois anos, a correr atrás dos gatos, na companhia do meu tio-avô. Estávamos no almoço de casamento do filho dele e brincávamos num pátio. Não me recordo do que aconteceu, mas

tantas vezes a minha mãe me relatou o evento que este se cristalizou na minha memória: eu caí de cabeça num caldeirão de canja.

Felizmente, a canja não estava quente e o meu tio-avô retirou-me do enorme caldeirão. A situação podia ser anedótica, só que hoje observo-a à luz do processo que desenvolvi na escrita d' "A Maçã Dourada", e realizo que o caldeirão é um dos principais símbolos da Deusa. É o seu útero, é o Graal, é a taça. É o caldeirão onde Ceridwen prepara a poção da sabedoria e é o caldeirão no qual os celtas mergulhavam os mortos para que pudessem renascer. É o caldeirão mágico da feiticeira, da bruxa, da mulher medicina.

Os gatos conduziram-me ao interior do caldeirão da Deusa, oferecendo-me assim a minha primeira Iniciação nos Sagrados Mistérios. E agora estão na árvore, depois de anos de ausência. Durante a minha infância, sempre houve gatos no terreno por trás do meu prédio. Os "gatos da fazenda", assim os designou a minha avó materna, a Dona Dilita. Desapareceram por completo durante a minha vida adulta e regressaram quando também eu regresssei a Albufeira, a minha terra natal.

Agora chamam, como se algo estivesse prestes a acontecer... Como se quebrassem o véu fino que separa dimensões...

Reparo na minha gata, a bela e misteriosa Estrela. Está na varanda, sentada de perfil como uma estatueta egípcia, olhos fechados, o sol na sua face tricolor. Lembro-me que está quase a chegar a primavera, e que finalmente vou começar a receber o sol nesta varanda voltada para norte.

Não há como não honrar os ciclos. Eles simplesmente estão aqui. São a face mutável da Deusa. E como a Deusa é expressão da nossa Essência mais pura, adormecida há milénios, dou-me conta que não era lá fora que os gatos chamavam. Era de dentro que nascia o apelo.

As abelhas

Em novembro de 2020, publiquei “A Maçã Dourada” sob a forma de audiolivro. O livro nasceu de uma visão em que fui conduzida ao alto de uma montanha e encontrei uma personagem feminina “com a energia de abelhas”. Durante a escrita do livro, depois de muita pesquisa, percebi que a figura era a Deusa.

Entretanto, tenho recebido a visita das abelhas. Tento convencer-me que vêm atraídas pelos aromas das plantas com que perfumeo o meu espaço, sem outro motivo oculto. Só que nada na minha vida é isento de motivos ocultos.

Elas entram, fazem um breve reconhecimento e pousam nos livros. Como se me indicassem que naquelas tiras finas, que um dia foram árvores, reside uma espécie de colmeia; como se me quisessem fazer recordar que ali, comprimidas como num favo de mel, residem as palavras douradas que me deram vida desde a infância. A minha segunda vida. O meu mundo alternativo construído pelo mel das palavras. A eloquência das vozes guardadas em pequenos retângulos de celulose que guiavam os meus navios rumo ao impossível.

Um dia foram juncos, esses recetáculos maravilhosos onde guardávamos a linguagem. No país cujo símbolo era a Abelha, nascida das lágrimas do deus Sol, Ra, os papiros foram o suporte material deste sopro que é a voz humana. Nas meditações em que sou conduzida às grandes civilizações, geralmente recebo informação inscrita em papiros ou pergaminhos. Outras vezes encontro livros, muitos livros, como numa rede, semelhante a uma colmeia.

A Abelha ofereceu ao deus solar grego, Apolo, o dom da profecia, e diz-se que pousou na boca de filósofos e poetas. O conhecimento pode ser doce como o mel.

Interrogo-me sobre a presença das abelhas neste momento da minha vida: no modo como as senti na visão em que fui ao topo da montanha e em que me foram reveladas as árvores carregadas de maçãs douradas. O que me querem dizer agora? O que preciso de reconhecer que ainda não foi visto?

Saio do meu espaço e decido caminhar por um campo silvestre. O rosmaninho vibra intensamente nas suas vestes roxas, atraindo-me a mim e às abelhas. Noto a simbologia: aguarda-me um renascimento.

Estou cansada de mudanças. Sinto que nos últimos anos já mudei tudo. Trabalho, relacionamentos, casa, cidade, hábitos. Pelos vistos, ainda preciso de me render a uma nova transformação.

Sento-me na pedra. É uma superfície em forma de losango, com pequenas reentrâncias arredondadas, lembrando um ovo ou uma barriga. No meio da vegetação, sinto-a como um revelar da Deusa, e é ali que busco orientação. Fecho os olhos, entro em meditação, e chamo-a.

Subitamente, deixo de ser quem sou (ou pelo menos, quem acho que sou) e sinto-me parte integrante da paisagem, da brisa, do Sol, da sombra, da pedra e de tudo o que me envolve. Deixa de haver limites. Faço parte da Natureza. O meu coração expande-se.

Quando regresso a mim, o meu lado racional toma conta de tudo. Busco respostas. É isso, mais do que qualquer outra coisa, que sempre liderou a minha existência. Quero saber.

E, então, pergunto-lhe:

— O que queres? O que esperas de mim?

O som da brisa na erva rasteira. O zumbido das abelhas, indiferentes à minha ânsia por respostas. Um cão a ladrar na distância. O mar, muito ao fundo, a faiscar como se tivesse engolido todas as estrelas do céu, numa espécie de celebração luminosa. A Natureza toda una, uma voz apenas, um coração, uma certeza, uma vontade. A Deusa.

“Quero que escrevas sobre mim.”



A pedra da Deusa

A Deusa na Origem

Quis aceitar a missão, mas não estava a ser fácil. Sem saber o que escrever, passei alguns dias em que questioneei a vontade da Deusa. Sendo uma pessoa extremamente racional, desfilei motivos e lógicas: a Deusa não existe, isto são apenas projeções minhas; vou escrever sobre o quê, se não tenho conhecimentos nenhuns sobre estes assuntos?; escrever outro livro, já? (tinha terminado “A Maçã Dourada” há apenas seis meses).

Como gosto de começar uma história pelo seu início, decidi olhar para a origem da Deusa. Como surgiu e por que motivo? Que informações temos acerca dela?

Sabemos que a Deusa foi venerada pelos nossos antepassados mais remotos. Milhares de estatuetas que dão corpo à divindade começaram a emergir da terra escura e antiga. Pequenas figuras de mulheres, muitas delas em idade avançada, com enormes seios e largos ventres.

Essas figuras representam aquilo que era mais fascinante para os nossos antepassados: a mulher que dá vida, tal como a natureza; a mulher cálice, que contém em si o milagre do nascimento; a mulher que é cíclica como a noite e o dia e a Lua e as estações; a mulher Deusa.

Embora durante muito tempo tenhamos pensado que eram apenas símbolos de fertilidade, agora sabemos que eram mais do que isso.

Imagino que sou um daqueles homens ou mulheres, num tempo em que só existe a Natureza. Conheço o trajeto do Sol, que marca o compasso da minha vida. Sinto a dança da Lua, que movimentava as minhas águas internas. Escuto o sopro da brisa e o clamor das tempestades. Assusto-me com os animais selvagens e encanto-me com as flores de muitas cores e formas.

Nada mais existe, se não esta presença poderosa e mutável da Natureza, a tal ponto que me sinto una com ela. Assusta-me, por ser imprevisível. Não sei quando vai chover ou quando serei atacada por um predador. Mas sei que tudo o que morre, renasce, porque é isso que sucede com as plantas. E consigo sentir que a vida é um ciclo permanente, um ciclo do qual faço parte.

Sendo parte de algo tão vasto e poderoso, é natural que fale com essa força e lhe peça proteção. Comunico com ela, e ela escuta-me. Peço ajuda para sobreviver, e ela oferece essa ajuda. Para que as minhas empreitadas sejam mais eficientes, traço sinais na pedra, que é dura, permanente, segura. A marca humana no corpo divino.

É apenas natural que comece a dar forma a esse poder.

A forma que escolheria só poderia ser a de um corpo feminino, porque sei que são as mulheres que trazem vida ao mundo. As suas barrigas crescem de forma descomunal. Abrem as pernas e dali surgem pequenas cabeças: os futuros homens extasiados com o poder feminino, e as futuras mães da tribo.

Nos campos férteis, a Terra oferece frutos, raízes, cogumelos. Doa alegremente a água das suas nascentes frescas. Deixa cair uma maçã aos meus pés, ou revela os ovos num ninho que ficou abandonado. Toda a vida brota de dentro dela.

E se o próprio mundo está permanentemente a gerar vida, o mundo só pode ser uma mulher. O mundo é a Deusa. A Deusa é o mundo.

Nas evidências arqueológicas abundam as várias faces da Mãe Natureza. O Sol, a água, os touros, as corças, os ovos, os peixes, as serpentes e as borboletas dão vida às esculturas, às pinturas murais e aos objetos sagrados mais primitivos. Mas ainda não se veem cenas de batalhas. Não há guerreiros. Não há imagens de espadas ou lanças. Não foram encontrados depósitos de armas. Nada que fale de opressão e dominação.

Hoje vivemos em estado de saturação: demasiadas imagens, demasiado conhecimento. Dificilmente nos deixamos deslumbrar. Mas naqueles tempos ancestrais, em que só existíamos nós e a Natureza, imagino o estado de deslumbramento de um ser humano ao assistir ao nascer do Sol, ao desabrochar de uma flor ou ao eclodir de um ovo... Esse senso de transcendência teria de estar relacionado com a expressão da Natureza, com a capacidade criativa quer do Planeta, quer da Mulher que dá vida.

As figuras que representam a Deusa aparecem nuas. Não precisam de roupa nem de adornos, porque o seu corpo é um veículo da mais pura magia. Salientam-se os grandes seios, as barrigas proeminentes, as vulvas abertas: o corpo como recetáculo da Vida. Que maior magia pode existir?

Foram encontradas nos locais onde a população habitava e não propriamente em espaços dedicados a cultos e rituais. Eram representações simbólicas íntimas, uma companhia, o equivalente aos nossos telemóveis e televisões: canais que permitem estabelecer uma comunicação pessoal, próxima.

Só que naqueles tempos primevos, é com o Sagrado que homens e mulheres desejam comunicar. Os humanos, sem garras e sem presas, sempre foram frágeis perante a vastidão desconhecida dos poderes naturais.

A morte espreita nas ervas e cogumelos que ainda não foram declarados seguros. O perigo oculta-se por baixo de cada pedra, donde pode surgir a picada inesperada de um escorpião ou uma mordedura de uma cobra. A morte é tão presente como a vida. Quando morremos, o corpo descansa no interior da Terra. No corpo da Mãe. No local escuro e húmido donde também surgiu. Despede-se da tribo e vai certamente fazer uma nova viagem, tal como a semente. Para onde irá? Que novos desafios terá de enfrentar? Voltará para nós?

A comunicação entre os humanos e a Deusa é algo natural. A Deusa não é apenas um poder transcendente, do qual dependemos. É também uma força que nos habita, que nos sustém, e que nos recolhe na morte. Ela é vida-morte-vida.

A sua expressão como corpo feminino é a mais íntima e pessoal, a que facilita a comunicação. Mas a Deusa também é a água daquele regato e a árvore que oferece os seus frutos. É a urso e a loba. É a rede de abelhas que assegura a vida. É o oceano pulsante. É o Sol que faz crescer a vegetação e anima o espírito dos caçadores.

Não acredito num regresso ao passado. Isso implicaria negar tudo o que construímos e aprendemos. Mas acredito na renovação consciente, em que apesar de tudo o que aprendemos na nossa evolução, conseguimos perceber que nalgum ponto do percurso nos desviámos desta energia amorosa, e em que ir buscar alguma sabedoria aos nossos antepassados nos pode ajudar a construir um futuro melhor.

Algumas das melhores coisas que temos são coisas muito antigas. Basta estarmos atentos para conseguirmos escutar os seus ecos na paisagem.

A cobra nas profundezas

Lembro-me do sonho que tive há alguns anos. Um daqueles sonhos vívidos, que parecem mesmo ter acontecido. Nesse sonho, eu era uma Sacerdotisa da Deusa, numa época em que o culto à Deusa estava a ser destruído pelas culturas patriarcais. E eu dizia que iria regressar quando o Sagrado Feminino se voltasse a erguer. Sentia-me triste, porque sabia que ainda faltavam muitos séculos.

Na minha adolescência, senti sempre uma grande rebeldia perante o papel das mulheres na sociedade. Decidi que não iria casar-me nem ter filhos. Não queria assumir um lugar de dor, uma dor que me parecia ser invisível a muitos.

Sei que este papel foi construído na minha mente por aquilo que observava em casa: o meu pai tinha dois trabalhos, enquanto a minha mãe acumulava o emprego com a lida da casa.

Hoje vejo que esta dinâmica familiar é apenas uma pontinha do enorme iceberg do feminino congelado. O “corpo de dor”, como diria Eckhart Tolle, é simplesmente gigantesco.

Esse corpo de dor nasceu da repressão, tal como dentro de cada um de nós nascem castelos petrificados sempre que lançamos uma dor para o inconsciente profundo. As muralhas que criamos no nosso interior definem os limites da nossa vida. Em termos coletivos, as muralhas do feminino reprimido são gigantescas, tão gigantescas que se justifica fazer um resgate: o resgate do Sagrado Feminino.

Não se trata de dar mais valor ao Feminino do que ao Masculino; não se trata de dizer que a Mulher é melhor do que o Homem. É preciso perceber que o Feminino está petrificado e apenas o Masculino respira. Só que sem a sua polaridade complementar, este Masculino respira mal e sofre.

Esta é a história em que a Princesa precisa de acordar de um longo sono, para o bem dela, do Príncipe, e de todo o Reino.

Para percebermos a dimensão do corpo de dor que todos carregamos coletivamente, temos de perceber o que aconteceu à Deusa. As histórias antigas falam-nos disso e as mulheres assassinadas também. Não há uma separação entre a renegada Lilith, a demoníaca devoradora, e uma mulher acusada pelo marido de traição por ter vestido uma minissaia. Não existe diferença entre S. Jorge a matar o Dragão e um povo que remove cirurgicamente o clitóris de uma menina. As Mouras encantadas que proliferam na paisagem do meu Algarve são as adolescentes negociadas pelos pais, entregues a maridos abusadores, e os tesouros são os seus dotes, as suas dores, os seus sonhos desfeitos.

Tiamat, a divindade “retalhada”; a maldição de Hera sobre a mãe de Ártemis e de Apolo; o desaparecimento do Povo das Colinas, os Tuatha Dé Dannan; Maria Madalena, a prostituta; todas estas narrativas nos falam da demonização da Deusa, da repressão da Deusa, da morte da Deusa.

Gosto particularmente da história de Dido, a Rainha de Cartago, que se suicidou quando foi abandonada por Eneias. Sinto que todos nós já vivemos esta história: o nosso amor ferido, a dor da mais profunda rejeição, os nossos sonhos destruídos. Há que lembrar, no entanto, que Eneias apenas estava a obedecer aos Deuses, e que se encararmos esta história como uma metáfora da vida, Eneias teria de seguir a sua missão de ser quem era, e Dido não seria o seu destino. A rainha suicida seria simplesmente aquela parte de nós que temos de deixar morrer na jornada para sermos quem verdadeiramente somos.

A morte de Dido vem-nos mostrar que o feminino é um espaço de alquimia, de cura, de elevação. E se houve uma destruição deste Princípio, talvez haja um motivo para isso. Talvez a alquimia que precisa de ocorrer se torne muito mais eficaz por termos